Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

REVISTA DO MUSEU PAULISTA

NOVA SÉRIE
VOLUME XIII

SÃO PAULO
1961/62

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

315

INFORMAÇÕES ETNOGRÁFICAS SÔBRE OS ÍNDIOS SUYÁ, 1960

por

HARALD SCHULTZ

A convite do Sr. Coronel JOSÉ GERALDO DE OLIVEIRA chefe das construções da Fundação Brasil-Central na Ilha do Bananal, rio Araguaia, dirigi-me em setembro de 1960, em avião Piper, para Diauarum no alto Xingu, cêrca de dois quilômetros abaixo da foz do rio Suyá-Missu.

Os índios Suyá moradores daquele afluente tinham entrado recentemente em contacto pacífico com o pessoal de Diauarum, pôsto da FBC chefiado pelos srs. CLÁUDIO e ORLANDO VILAS-BOAS.

Aparecera um grupo dêsses índios em suas embarcações na foz do rio Suyá-Missu fazendo sinais inequívocos de suas intenções pacíficas. Desde então visitam Diauarum de vez em quando.

Nestas circunstâncias, resolvi fazer uma visita à aldeia dos Suyá.

Em Diauarum entretanto desconheciam a localização da aldeia. Sabiam apenas que êstes índios tinham se deslocado rio acima, talvêz a uma distância de cêrca de oito dias de viagem em ubá munida de motor de pôpa.

Só me restava esperar por alguns Suyá no pôsto de Diauarum que viriam, conforme explicou o sr. Orlando Vilas-Boas, logo após a coleta do pequi, fruta por êles e por outros índios muito apreciada e cobiçada, e que amadurece no comêço da temporada chuvosa.

Após três semanas, embora não fôssem esperados tão cêdo, chegaram os índios Suyá em cinco embarcações, duas decasca de jatobá do tipo xinguano e três pesadas de tronco escavado, semelhantes às usadas pelos índios juruna.

Os Suyá tinham vindo curar-se de disenteria. O grupo, constituído de diversas famílias biológicas, era chefiado por *Pentoli*.

Apesar de sua pacificação muito recente os Suyá já aceitam como as demais tribos da região, tratamento médico orientado pelos abnegados e dedicados irmãos Vilas-Boas.

O único indivíduo entre os Suyá a falar regularmente o vernáculo era um índio trumaí de nome *Saukú*, casado com uma Suyá. Êle não

sabe falar o idioma suyá, comunicando-se com seus parentes por meio de gestos e algumas palavras que aprendera durante seu convívio de apenas alguns meses. Por intermédio dêste índio foram possíveis os primeiros entendimentos com os Suyá que concordaram com a visita à sua aldeia.

Três de suas embarcações partiram à tarde, as outras foram rebocadas por nós na manhã seguinte. Cêrca de hora e meia rio Suyá-Missu acima, os Suyá desviaram-se do curso principal do rio seguindo estreito canal quase sem correnteza e para surpresa nossa após mais meia hora aportamos numa praia alta onde havia várias canôas.

Estreitas sendas conduziam ao *acampamento provisório* na mata, a menos de cinqüenta metros do pôsto. Êste local conforme explicaram depois, tem a vantagem de ter muito peixe e ótimas terras para lavoura, além de ser mais perto de Diauarum, ponto de atração pelas ferramentas e os remédios lá existentes. Por êsses motivos tinham abandonado sua aldeia e roças rio acima.

Os Suyá contam cinqüenta e oito indivíduos divididos em dois grupos, cada qual orientado por um chefe.

Pentotí é o chefe de um dos grupos; tem 3 mulheres, sendo o único polígamo entre os Suyá. Êste índio é considerado "menos disposto" do que *Kwedkére* chefe do outro grupo, admirado por sua "dureza consigo próprio". Esta informação foi dada pelo trumaí *Sauku*, casado com mulher do grupo de *Pentotí*.

O grupo chefiado por *Kwedkére* não estava completo no início de nossa estada. Algumas famílias estavam rio acima em busca de varas para flechas.

Pudemos observar que no acampamento ficaram com *Kwedkére* os membros de sua família (sua mulher é uma índia waurá) e a família de sua cunhada viúva (índia xukarramãi) que tem um genro trumaí.

Não foi possível verificar o grau de parentesco entre os Suyá que estavam no acampamento e os que chegaram em seguida, além de vaga informação de que entre êstes havia um irmão do chefe. Entre os recém-chegados havia várias moças, duas das quais se casaram em seguida; uma delas com um viúvo e a outra com um rapaz solteiro também recém-chegado, portanto do grupo de *Kwedkére*. Êste casamento foi bastante criticado por parte da mãe do rapaz que de início se opôs.

O acampamento provisório estava sendo levantado num trecho da mata virgem de uns vinte e cinco por quinze metros, cuja vegetação baixa já tinha sido eliminada. Os Suyá possuem ferramentas de aço obtidas em Diauarum. Havia duas coberturas, sendo uma para cada um dos grupos de que se compõe a tribo, porém, o restante do

grupo de *Kwedkére* ao chegar de sua excursão, armou uma outra bem junto à de seu chefe.

Longas vigas paralelas horizontalmente amarradas com entrecasca aos troncos deixados, ligadas cada metro mais ou menos, por varas transversais, servem de suporte para a cobertura de fôlhas de palmeira inajá (*Maximiliana regia* Mart.), que eram colocadas em grossas camadas para proteger da chuva que estava caindo com intensidade cada vez maior. Em vigas mais baixas, amarradas também nos troncos deixados, são postas as rêdes (Prancha I). Estas são alinhadas lado a lado, muito perto umas das outras, sem interrupção entre as pertencentes às várias famílias nucleares.

A confecção da rêde é trabalho feminino. A urdidura é afixada horizontalmente, sem solução de continuidade, ao redor de dois postes fincados no chão. Os fios da urdidura são cordéis da fibra da palmeira inajá (*Maximiliana regia* Mart.), os da trama, cordéis de fios de algodão (Prancha II). Pronta, retiram os postes e amarram os punhos da rêde, atando depois as cordas para dependurá-la.

Há rêdes inteiramente de fio de algodão, mais fechadas do que as de fibra de inajá, oferecendo portanto maior proteção contra o frio.

No último dia da nossa estada uma das mulheres suyá ofereceu-me um instrumento de madeira escura (fig. 1) a respeito do qual explicou ser usado para apertar a trama durante a técnica de enodar as rêdes de dormir de fios de algodão. Não pude, entretanto, observar êste instrumento em uso, mas deve tratar-se, evidentemente do pente de tecelão.

Fig. 1 — Pente para ajustar entre si as carreiras da trama das rêdes de dormir. confeccionadas pelas mulheres.

Cada família tem sua cozinha fora da cabana.

Os Suyá informaram que os porcos do mato tinham devastado suas roças rio acima e que não tinham mais mandioca, milho nem outros produtos cultivados. Realmente só alguns dêles possuíam um pouco de feijão fava, tubérculos de mandioca sêca e algumas espigas de milho igualmente sêcas.

As mandiocas foram piladas para fazer beijus, brancos e chatos, assados num fundo de panela de barro quebrada. Algumas espigas foram logo assadas e as restantes, em pequena quantidade, foram debulhadas e os grãos triturados no pilão; depois cozidos até se desfazerem numa sopa grossa à qual acrescentaram água fria. O feijão fava era apenas cozido.

Terminada esta pequena reserva passaram a depender da mata, do rio e dos lagos para sua subsistência.

Diàriamente os homens saem, voltando com cachos de côco da palmeira inajá. As mulheres quebram os côcos pilando a polpa até reduzi-la a uma farinha grosseira que passam por uma peneira semi-esférica. Depois de cozida durante horas transforma-se em sopa. Quando fria, é dividida entre os membros da família e também oferecida a outros. Às vêzes utilizam-se da farinha de mandioca para engrossar a sopa.

Também pilam ou dilaceram com os dentes a polpa dos côcos de bocayuva (*Acronomia sclerocarpa*, M.) mas não a cozinham (Prancha III). Depois de expremida a massa, o sumo, misturado com água, é tomado frio.

Da palmeira inajá retiram também o palmito que comem cru; é muito apreciado especialmente pelas crianças.

Cozinham os frutos do pequizeiro (*Caryocar brasiliensis* Camb.). A película amarela e cheirosa que envolve o grande caroço é raspada com os dentes.

Só uma vez vi comerem cogumelos que embrulhados em fôlhas de musáceas silvestres, foram assados no borralho.

Haviam trazido alguns cachos de bananas verdes do roçado abandonado que foram consumidas à medida que amadureciam. Também assavam bananas verdes na cinza quente da fogueira.

Colhem oportunamente jatobá (*Hymenaea courbaril*, Lin.) durante excursões de pesca, caça ou viagens. Não é alimento freqüente, sendo preferido pelas crianças e adolescentes.

Os oitis (*Moquilea tomentosa*, B.) que crescem no "cerrado" são coletados e trazidos em pequenos cêstos ou "cartuchos" feitos de fôlhas enroladas em espiral. São distribuídos farta e generosamente entre as crianças.

Durante as viagens as mulheres procuram ovos de tracajá que elas mesmas, em outra ocasião, enterraram na areia.

Quando os rios e os lagos estavam no ponto mais baixo de suas águas, havia muitos peixes que os índios flechavam, voltando após algumas horas com pencas dêles de várias espécies, dos quais se destacavam os tucunarés (*Cichla ocellaris*) e uma especie gigantesca de traíra (*Macrodon* spec.) que atingia até um metro de comprimento.

Com a enchente mudaram as espécies de peixes mais freqüentes, predominando então os pacus (*Metynnis* e *Myloplus*) e os jaraquis (*Prochilodus* spec.).

Os peixes são esviscerados mas não escamados e colocados inteiros sôbre o moquém onde os assam cuidadosa e lentamente.

Outras vêzes escamam e esciveram cozinhando em seguida nas panelas de barro. Nestes casos têm o cuidado de desfazer com auxílio de uma vara a carne dos peixes, obtendo uma pasta que comem com as mãos, diretamente da panela.

Com freqüência homens isolados ou em grupos saem em busca de mel silvestre que é colhido em cabaças e distribuído entre todos.

Numa ocasião o chefe *Pentotí* voltou com a notícia de ter encontrado uma colmeia aderida a um tronco muito grosso. Na madrugada seguinte, saíram todos os Suyá, excetuando-se uma mulher doente e um rapaz com o pé machucado. No local determinado *Koyosí*, filho de *Pentotí*, preparou uma tocha de fôlhas sêcas de palmeira amarradas à uma vara, e aproximou-a, em chamas, da imensa colmeia.

Grande número de abelhas atacava os índios que fugiam para longe, mata a dentro.

Era uma espécie de abelhas que se emaranham nos cabêlos e mordem. Os índios me aconselharam a deitar no chão, como êles, para escapar ao intenso ataque dos insetos.

Uma segunda vez a colmeia foi chamuscada com nova tocha e depois derrubada a golpes de machado e os favos levados para longe.

Todos os índios saciaram-se mergulhando as mãos no mel e lambendo-as. Comiam os favos com larvas e os depósitos de pólen. Levaram um pouco do mel com as larvas para o acampamento.

Durante essas quatro semanas de convivência com os Suyá, êstes se alimentaram quase que exclusivamente do mingau de côcos de inajá, de peixes, raros macacos, mutuns ou outra caça, dos frutos colhidos na mata e no cerrado e de mel de abelhas silvestres, e quando as chuvas começaram, de pequis, que um grupo foi buscar rio acima, pois cresce de preferência no cerrado aberto.

Antes de construir as novas casas, estavam derrubando e queimando a mata para o roçado, no outro lado do rio, num trecho mais ou menos circular de mata virgem a uns quatrocentos metros do acampamento.

Cada homem possui seu trecho no roçado geral, no qual prepara covas para o plantio da mandioca. Em cada cova espeta três varas de mandioca brava (Prancha IV).

As mulheres semeam o milho entre os pés de mandioca. Coordenadamente e com ritmo, à medida que caminham, vão abrindo pequenas covas com um pau pontudo. Outra mulher vai atrás jogando com a mão direita alguns grãos de milho no buraco e fechando-o em seguida com o pé.

Algumas vêzes a semeadura e a abertura das covas são feitas por uma mesma mulher.

Como o plantio de mandioca é tarefa exclusivamente masculina, a semeadura do milho é feita só por mulheres e moças. Porém a mulher de um índio juruna (filha de *Pentotí*) em adiantado estado de gravidez, era ajudada pelo marido.

Há um verbo para "plantio de mandioca brava": *kwürre yarêde* e outro para "semeadura do milho": *voasü krêma.*

Os adornos característicos são: O disco labial de madeira usado pelos homens casados e os batoques auriculares maciços ou só aro, feitos de palha enrolada em espiral usados tanto pelos solteiros como pelos casados (Prancha V). Segundo KARL VON DEN STEINEN(1), também as mulheres "usariam" êstes batoques, o que não observei em 1960.

O cabelo é usado comprido pelos dois sexos. Nas mulheres, parece ser aparado ao atingir os ombros. (Prancha VI). Uma menina de cabelos curtos porém não rentes, trabalha intensamente, divertindo-se raras vêzes com as outras, parecendo ter um *status* especial na tribo.

Em geral, o homem usa o cabelo rente até o tôpo da cabeça e o restante caído às costas, livremente (Prancha VII).

Os homens andam nus. Só dois rapazes suyá vestem calções adquiridos em Diauarum. A maioria das mulheres usa um pano enrolado à guisa de saia, enquanto as outras andam totalmente despidas, assim como as crianças, com exceção de um menino que possui calção.

Depilam sobrancelhas, pestanas e cabelos das partes pudendas.

Raros diademas de confecção rudimentar, de penas de arara e papagaio, são o único tipo de plumária.

Os homens usam freqüentemente um diadema de palha que consiste simplesmente duma tira de fôlha de palmeira com um nó. Enrolam palha de palmeiras nas pernas, logo abaixo dos joelhos, nos braços, e acima dos tornozelos.

A pintura de corpo se reduz para mulheres em traços finos de tinta de genipapo e para os homens em faixas cobrindo partes do corpo. Tinta de urucu é especialmente usada na parte superior do disco labial, no lábio estendido e alguns traços largos no rosto.

Têm colares de contas de vidro que algumas mulheres também usam acima dos joelhos ou como braceletes.

O *batoque auricular* consiste dum disco central de palha enrolada com três a quatro milímetros de espessura, aumentado por numerosas voltas de uma fita mais larga da mesma palha que V. D. STEINEN informa ser da palmeira bacaba (*Oenocarpus bacaba*). Mede cinco centímetros de diâmetro por um e meio de espessura, enquanto que V. D. STEINEN menciona sete por um e meio centímetros.

(1) — Durch Central-Brasilien, 1886.

A face plana anterior do disco é coberta por uma camada de barro branco. Um pouco dêsse material é esfregado e alisado com o indicador, a sêco. Êsse disco de palha é muito leve.

O batoque auricular nem sempre é usado por todos os homens e rapazes. Em nenhum caso, no entanto, foi observado orifícios dos lóbulos tão grandes como os citados por V. D. STEINEN embora as alças formadas pelos lóbulos distendidos, possam ser colocados por cima da orelha quando sem batoque.

V. D. STEINEN registrou a palavra "Lanço" para o batoque auricular, que corresponde a "Rodnsó", colhida em 1960.

O *disco ou batoque labial de madeira* é distintivo do homem casado pois nenhum solteiro o usa.

Deram a entender que a perfuração do lábio inferior de um rapaz que há pouco se casara em primeiras núpcias, seria feita sòmente quando a roça nova começasse a produzir, isto é, dentro de dois meses.

Não tendo ainda conhecimento suficiente do idioma suyá, e os índios desconhecendo totalmente o vernáculo, foi impossível ter idéia precisa dêste ritual, evidentemente ligado ao casamento.

Entre os Xukarramãi do cerrado do médio Xingu, o disco labial é distintivo masculino usado desde a infância, conforme explicaram dois Xukarramãi, um rapaz solteiro e outro casado, visitantes do pôsto de Diauarum que falam muito bem o português. Provàvelmente devido ao uso do disco desde a primeira infância é que os Xukarramãi podem movimentá-lo com facilidade para todos os lados, pois têm desenvolvida a musculatura do lábio inferior. Êstes movimentos fazem parte da expressão ao falar, exprimindo também sentimentos ou emoções. Explicaram que o disco levantado verticalmente escondendo parte do nariz significa "zanga" ou "vergonha". Normalmente a posição do disco é horizontal.

Os Suyá porém, que sòmente começam a usar o disco por ocasião do casamento, quando já adultos, o mantêm quase sempre em posição horizontal imóvel, conseguindo apenas suspende-lo verticalmente. Ao dormir alguns Suyá o mantem nesta posição.

O uso do disco labial impede o beber normalmente por sucção. Apoiam a borda do vasilhame nos dois cantos da bôca aberta e colocam a língua dentro do vasilhame canalizando o líquido para a cavidade bucal (Prancha VIII).

A comida é geralmente colocada na bôca em pequenos bocados. Fumar não parece ser traço cultural dos Suyá. O cachimbo ou cigarro, é prêso no canto da bôca, único lugar por onde podem sugar a fumaça.

O disco labial exerce pressão constante sôbre a dentadura do maxilar inferior causando o deslocamento dos dentes da frente, às vêzes abalamento e perda total.

Os lábios distendidos se vascularizam. A pele se torna muito fina. Observei um dos índios velhos com ligeiros ferimentos em diversos pontos do lábio estendido que parecia ser muito sensível.

Diàriamente ao banhar-se retiram o disco labial esfregando e lavando repetidas vêzes a pele distendida com os dedos molhados.

Tive a impressão de que procuram não ser vistos sem o disco, costumando virar-se durante o banho para o lado oposto ao da praia.

A maioria dos homens tem cuidado especial em adornar a parte superior do seu disco labial e o lábio distendido com tinta oleosa de urucu que é renovada após cada banho. O chefe *Pentotí* entretanto não se preocupa com a pintura de seu disco que às vêzes tem a côr natural.

Quando um disco em uso fica ligeiramente avariado, é logo jogado fora, portanto, o Suyá casado possue um ou vários sobressalentes.

Freqüentemente, estão ocupados com a confecção do disco que é feito de pau caixeta (*Didymopanax* sp. da família *Araliacaeae*), madeira leve e macia de côr clara, quase branca.

Submerso n'água, no pôrto, há sempre um pedaço de tronco roliço desta madeira, sob outro pedaço de tronco pesado que o segura contra a correnteza.

O Suyá corta do "pau caixeta" uma fatia de cêrca de três centímetros de grossura. Descasca-a e a golpes de facão dá-lhe forma oval de cêrca de oito por dez centímetros, com ligeiras variações. Lavra-a, depois usando à guisa de formão um dente de capivara ou de cotia encabado por meio de enrolamento de fio de algodão (Fig. 2). O corte dêste instrumento é amolado num pedacinho de casca de madeira petrificada.

Fig. 2 — Instrumento usado pelos Suyá para lavrar a madeira do disco labial. Consiste em um dente de capivara ou cotia, chanfrado e cortante, afixado a um cabo por enrolamento de fios de algodão.

Os dois lados do disco são ligeiramente côncavos, sendo que o inferior tem na parte central uma elevação.

Durante o trabalho o índio testa repetidas vêzes o novo disco com o que tem em uso, no lábio, sem retirá-lo, porém.

Ao redor do batoque cava um sulco para que fique mais seguro no orifício labial. O disco dos Xukarramãi não tem sulco, mas para o mesmo fim, deixam duas pontas horizontais nas extremidades do oval, do lado de cima.

De quando em quando a madeira é molhada e talvez por isso os homens preferiam fazer seus discos no pôrto, sentados na proa da ubá (Prancha IX).

Depois de dada a forma geral e detalhada, começa o polimento de tôda a superfície do disco com as fôlhas ásperas da "lixeira".

São cuidadosamente adornados. A face inferior é coberta com uma camada de tabatinga branca. Sôbre o fundo branco desenham com um pauzinho afilado dois círculos concêntricos e entre êstes, diametralmente opostos, quatro grupos de três pequenos triângulos, ligados por arcos de círculos tracejados. Todos os discos labiais existentes exibem a mesma decoração. Entretanto nos discos labiais colhidos por KARL VON DEN STEINEN no fim do século passado e que se encontram no Völkerkundemuseum de Berlim-Dahlem, os desenhos são ligeiramente diferentes.

Para preparar a tinta marron-escura raspam a entrecasca de certo arbusto existente na mata espremendo os fiapos. O sumo grosso, pastoso é colocado durante a pintura, na unha do polegar esquerdo, em cuja mão seguram o disco (Prancha X).

Os discos prontos são guardados dois a dois, amarrados com uma tira de fibra.

Da população total de cinqüenta e oito indivíduos apenas seis ou sete usam o disco labial. Os demais são solteiros, crianças e mulheres.

Vive entre os Suyá um rapaz solteiro Xukarramãi que conforme explicou o chefe *Pentotí*, foi prêso quando criança pelos Juruna, tradicionais inimigos de outrora dos Xukarramãi e transferido aos Suyá. Êste índio usa um disco minúsculo no lábio inferior.

Um outro índio Juruna, casado com mulher suyá não usa disco labial e veste calça comprida obtida dos neo-brasileiros. Um índio Trumaí casado com a irmã de *Róbndó* também não usa o disco labial. Ambos são conscientes de não pertencerem à tribo dos Suyá. Êste Trumaí costuma ridicularizar os hábitos dos Suyá.

Entretanto *Ngére*, velho de uns sessenta anos, confessou também ser de origem trumaí; vive entre os Suyá desde menino e totalmente integrado, usa disco labial do mesmo tamanho que os demais homens casados da tribo.

Todo homem casado possui um pequeno vasilhame ou estôjo para guardar tinta de consistência pastosa, preparada com urucu. Êste estôjo é feito duma placa córnea da carapaça de jabuti (*Testudo tabulata* Spix), quelônio freqüente naquelas matas.

Para preparar tal vasilhame imobilizam o jabuti vivo com um pé sôbre sua carapaça; aproximam um tição acêso duma das placas córneas que se curva ao calor com as pontas para cima, podendo em seguida ser retirada. Ainda com auxílio do tição, duas das extremidades da placa são reviradas sobrepondo-se e formando uma concavidade afunilada (Fig. 3).

Uma alça de fio de algodão passa por dois orifícios feitos nas extremidades reviradas e superpostas e o estôjo é dependurado com o cestinho em que o homem guarda seus pequenos apetrechos.

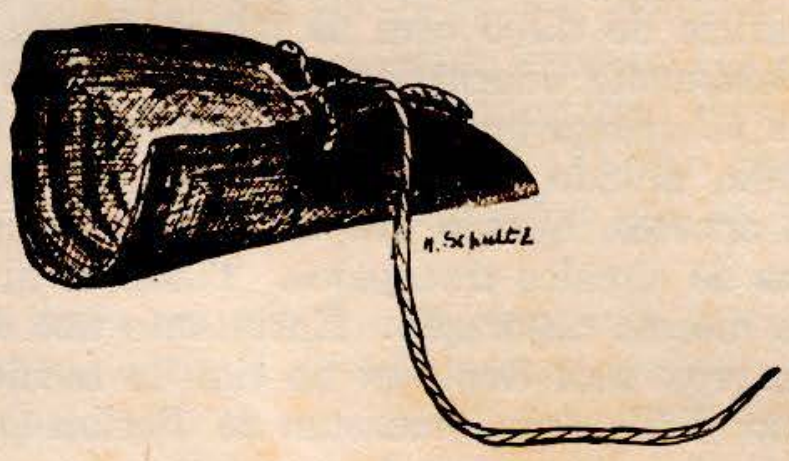


Fig. 3 — Estôjo para guardar a tinta urucu. É feito de uma placa córnea da carapaça do jabuti (*Testudo tabulata* Sp.).

Pesca: Observamos três tipos de pesca — *Pesca com o cipó-timbó; pesca com arco e flecha* e a *pesca de pequeninos peixes com as mãos.*

Pesca de timbó. A utilização do timbó só é possível na sêca quando diminui o volume da água a ser envenenada.

À tarde, um dia antes ao da pesca, os homens saem para a mata. Arrancam das árvores altas uma espécie de cipó timbó que atinge a grossura do braço de um homem forte. Cortam em pedaços de aproximadamente um metro e levam em feixes para o acampamento.

Na madrugada seguinte antes de clarear o dia, trituram com um cacête cada pedaço de cipó sôbre um pedaço de tronco deitado. Os cipós esfacelados são novamente amarrados. Em seguida enfileiram os feixes em pé, à frente daquele que o preparou. Sentados esperam pelos respectivos chefes, pois só com a chegada dêles podem dar início à marcha ou saída das embarcações. Os chefes participam de tôdas as atividades da pesca, a não ser o preparo do timbó e remar. (Não há dúvida do prestígio dos chefes, entretanto não presenciei reuniões em que se debatem questões de trabalho ou mesmo cerimoniais presididos por um chefe, como em outros grupos jê.)

Homens, mulheres e crianças dirigem-se para o local escolhido para a pesca com seus cêstos, facas, arcos e flechas.

Pescarias de timbó são executadas sòmente nos lagos. Os homens cortam galhos da mata e fazem uma divisão muito simples fechando uma enseada.

Aos gritos invadem a parte fechada sacudindo os feixes de timbó cuja seiva se espalha pelas águas. Ainda macetando os feixes continuam envenenando a água até alcançar a outra margem.

Os homens mais velhos esperam na parede divisória de folhagens os peixes que tentam escapar, fisgando-os com suas flechas. As mulheres procuram os peixes mortos ou atordoados, abatendo-os a golpes de facão e jogando-os em cêstos ou enfiando-os em cipós. Cada qual apanha os peixes que pode.

Na *pesca com arco e flecha,* saem só os homens que ficam nos rochedos às margens dos lagos ou nos barrancos dos rios. Quando usam embarcações, dois remam até alcançar o lugar escolhido onde sòmente o remador da pôpa movimenta o remo obedecendo aos sinais do flechador na proa. Às vêzes um índio sai só, pescando, enquanto a embarcação desce ao sabor da correnteza.

Komdú é como se referem à maneira de *pescar com as mãos,* procurando peixinhos do gênero *Plecostomus* e aparentados dos *Leporinus* nas frestas dos numerosos rochedos dos rios do alto Xingu. Na verdade *Komdú* é o nome dado a um dêsses peixinhos. Principalmente mulheres e crianças pescam dessa maneira, isso a qualquer hora do dia quando não há mais peixes trazidos pelos homens. Nas viagens quando as embarcações param em lugares propícios, imediatamente as mulheres vão em busca dos peixinhos que são assados na braza.

Às vêzes as crianças saem sós e usando timbó em lagos minúsculos, apanham peixes muito pequenos, para depois, sem escamá-los ou tirar-lhes as tripas, assar no borralho da fogueira de sua mãe.

Fabricação de sal: HELMUT SICK publicou na *Revista do Museu Paulista,* N. S., vol. III, p. 381-390, excelente análise do sal obtido de plantas aquáticas, bem como a técnica de sua produção pelos índios do alto Xingu.

A fabricação de sal de plantas aquáticas pelos índios Suyá obedece semelhante técnica e aqui nos restringimos a descrevê-la.

O sal dos Suyá *Kasoá* ou *Katoá* é obtido pela incineração do aguapé (*Eichhornia azurea*), destilação de sua cinza e condensação da solução resultante.

O aguapé não é planta flutuante comum nas águas da região habitada pelos índios Suyá. Havia um único aglomerado dessa planta numa lagoa, naquela época quase sêca, escondida na mata não distante da foz do rio Suyá-Missu, umas duas horas de remo do acampamento provisório.

Certo dia, mulheres e homens para lá se dirigiram em três canoas.

Podia-se ver numerosos peixes nas águas claras. Os homens aproveitaram a oportunidade para fisgá-los com suas flechas enquanto as mulheres entravam na lagoa cujo fundo de meio metro de lama pegajosa dificultava muito os movimentos.

Os aguapés formam longas fileiras prêsas entre si (Prancha XI).

As índias durante quase duas horas arrastaram aguapés até a margem, transportando-os depois através da mata até as canoas amarradas no barranco do rio.

De volta espalharam os aguapés para secar na praia alta perto do acampamento. Apesar do sol fraco e interrompido por chuviscos, as plantas murcharam ràpidamente e já no dia seguinte foram amontoadas sôbre tições acêsos à moda de um forno para preparar carvão de lenha.

Uma mulher cuidava para que o fogo não se apagasse arrumando de vez em quando as achas e levantando as plantas murchas para restabelecer a ventilação. O amontoado de plantas foi diminuindo, restando no dia seguinte apenas um montículo de cinzas do qual a índia retirava o carvão com auxílio de duas varinhas à guisa de pinça ou simplesmente empurrando-o para fora.

Enquanto isso seu marido *Pentotí*, começou a preparar uma armação de varas flexíveis enterrando as extremidades no chão, dando a cada uma delas forma ogival cruzadas no ápice. Estando tôdas firmes amarrou-as entre si em sentido circular com tiras de entrecasca (Prancha XII).

A armação depois de retirada do solo foi entregue à índia que a forrou por dentro com fôlhas duma musácea da mata, colocando no fundo um tufo de fibras vegetais pretas, parecendo um punhado de fios.

Pendurou-a depois na forquilha de um tôco próximo enchendo-a com a cinza do aguapé. Por sôbre esta derramou água que ia sendo recolhida numa panela de barro colocada debaixo do "coador"; pondo mais cinza, repetiu a operação (Prancha XIII).

A solução resultante da destilação foi fervida durante dia e meio, tornando-se cada vez mais grossa e marrom pela evaporação. Finalmente restou só o sal que vários índios vieram provar em quantias mínimas, pois não o usam como tempêro mas sim como petisqueira.

Êste sal conforme expõe HELMUT SICK (op. cit.) é composto em sua maior parte de *potassa*.

Freqüentemente consomem a própria cinza do aguapé às pitadas, sem mais preparo.

Panelas de barro cozido: Os Waurá são os oleiros do alto Xingu. Seus vasilhames de barro cozido são objetos de troca cobiçados por tôdas as demais tribos da região.

Numerosos relatos dão os Suyá como temidos assaltantes das aldeias waurá e de outras da região, para furtar panelas e roubar mulheres.

Entre os Suyá havia no mínimo três mulheres waurá que fazem tôdas as panelas de barro cozido para a tribo, conforme explicou o chefe *Pentotí*.

Estas panelas porém eram diferentes das que as mulheres waurá costumam fazer em sua aldeia natal. De forma circular, paredes lisas e bojudas vão afilando ligeiramente quase à altura das bordas que se abrem para o lado de fora (Fig. 4).

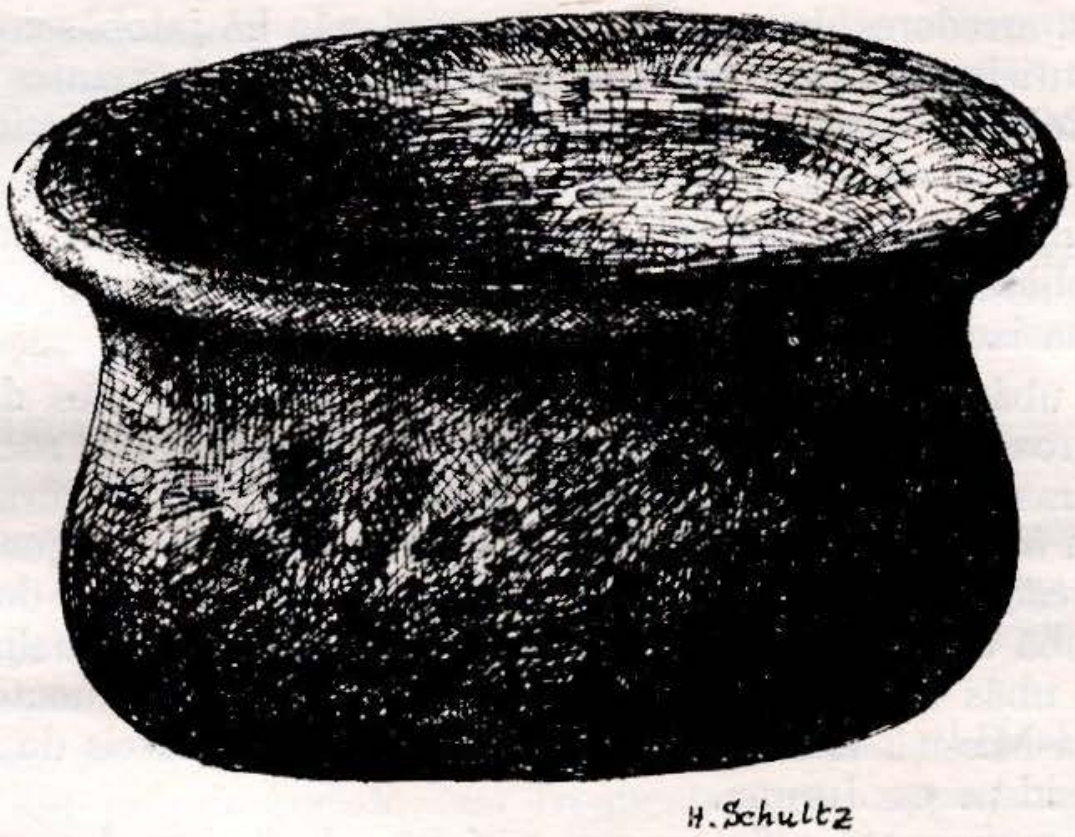


Fig. 4 — Panela de barro cozido.

Não havia entre os Suyá vasilhames gigantescos nem os de formas estilizadas de animais pintados de vermelho ou adornadas com traços também de tinta vermelha ferruginosa, comuns em outras aldeias alto-xinguanas, também confecionados por mulheres waurá. Não consegui entrever os motivos que levaram as mulheres waurá convivendo entre os Suyá a modificar a forma de sua cerâmica.

As mulheres suyá ou mesmo as filhas das mulheres waurá com homens suyá, parecem não ter aprendido a técnica da cerâmica. Desta maneira a continuidade de produção de vasilhames de barro é um problema, sendo difícil de se prever como as novas gerações de Suyá o resolverão e se a forma "tipo suyá" usada hoje será mantida.

Embarcações: Os Suyá possuem dois tipos de embarcação: a canoa de casca típicamente xinguana e a ubá de tronco escavado semelhante às usadas pelos Juruna.

As canoas de casca são geralmente menores do que as das outras tribos do alto Xingu e não tão bem acabadas. A maioria delas tem as bordas reviradas para dentro, pela exposição prolongada ao sol e em algumas tão acentuadamente que mal sobra espaço para carga e passageiros.

Havia uma de apenas 6,35 m. Proa e pôpa ficavam quase ao nível da água. Apesar disso era usada nas excursões de pesca com arco e flecha por no máximo dois índios. Quando no porto, os meninos nela brincavam.

Esta canoa foi transportada para o Museu Paulista e incorporada ao seu acervo etnográfico sob n.º RG 10614.

Nos arredores do acampamento suyá não há jatobàzeiros de diâmetro suficiente para o fabrico de canoas. Os informantes suyá *Koyosí* e *Róbndó* acrescentaram que só são encontrados rio acima, muito distante.

A meu pedido *Róbndó* prontificou-se a fazer uma, localizando um jatobàzeiro após longas buscas. Verificou no entanto que a casca era demasiadamente fina.

As ubás de tronco escavado dos Juruna são fortes de paredes muito grossas e pesadas, para aguentar as pancadas nos rochedos das corredeiras. Proa e pôpa formam plataformas com largura bastante para um índio ficar de pé e manejar a longa vara, com a qual empurra a embarcação dando segurança à direção nos redemoinhos dos rápidos.

A ubá de tronco escavado dos Suyá é uma cópia infeliz das majestosas ubás dos Juruna. É bem menor e de acabamento inferior. No Suyá-Missu não há corredeiras como as formidáveis do rio Xingu onde residem os Juruna.

A *resina preta e dura para confecção de flechas*, é preparada de resina de jatobá colhida na mata. Derretida numa panela de barro cozido e misturada com a cinza duma musácea, a resina preta assim liquefeita, é derramada numa fôlha molhada de musácea. Quando ainda morna lhe é dada a forma cilíndrica. Fria, a resina endurece, devendo ser aquecida ao ser usada.

A *resina vermelha* é preparada do mesmo modo, juntando urucu no lugar da cinza de fôlhas. Há ainda uma resina preta, maleável e que pode ser aplicada a frio que consiste duma mistura de resinas, cinza de fôlha e cêra de abelhas silvestres. Os três tipos de resina são indispensáveis na confecção da flecha.

Higiene: Os adultos tomam banho várias vêzes ao dia, porém os mais velhos, uma só. Durante o verão as crianças passam quase o dia inteiro n'água e na praia, lá ficando até tarde nas noites de lua. As meninas cuidam dos bebês, conservando-os no razo.

O disco labial dos casados é diàriamente retirado e o orifício lavado com cuidado, conforme descrito anteriormente.

O cabelo raramente é penteado mas freqüentemente duas ou mais pessoas podiam ser vistas a livrar-se de piolhos.

Defecam a uns duzentos metros da aldeia, rio abaixo, numa mata rala, ao lado da praia.

Medicina indígena e aculturação: Como vimos, um dos motivos da mudança da aldeia dos Suyá, parece ter sido aproximar-se dos brancos em Diauarum, com suas ferramentas e remédios.

À minha partida para o acampamento suyá, o senhor CLÁUDIO VILAS-BOAS entregou-me muitos remédios indicados para doenças mais comuns entre os índios da região.

No acampamento os remédios foram espalhados sôbre uma mesa de varas forrada com um pedaço de lona. Os Suyá nunca os tocavam, apresentando-se porém, quando queriam ser tratados. Tomavam sem hesitar os medicamentos inclusive injeções intramusculares.

Entretanto, quando o caso era mais difícil ou exigia tratamento especial, aconselhava o índio a dirigir-se para Diauarum onde há misa recursos, no que obedecia prontamente.

Tal fato afastou a possibilidade de observação de seus métodos de cura e a existência de médico-feiticeiro.

Há entre os Suyá um rapaz solteiro com aproximadamente dezoito anos de nome *Demonín,* cujos pés são deformados; as solas viradas para dentro e portanto, anda com muita dificuldade sôbre o lado dos pés.

Apesar dêste defeito executa tôdas as tarefas de homem adulto. Prepara seu próprio roçado, sai freqüentemente a pescar voltando com boa penca de peixes, como os outros índios. Acompanha os outros nas caçadas e na busca de mel silvestre. Vai também às pescarias com cipó timbó, das quais participa plenamente.

Costuma apertar fortemente o tornozelo com tiras de palha de palmeira para ter mais firmeza no andar, aliás, outros índios também usam um enrolamento de palha de palmeira ao redor dos tornozelos.

Demonín é vivo e inteligente, tendo se tornado o informante predileto para a obtenção de vocábulos suyá.

Fez parte de um grupo que saiu em busca de pequis maduros. O índio *Sauku* criticou severamente a atividade dos rapazes, considerando ser mais premente o preparo de um roçado maior. Nesta ocasião *Demonín* liderou o grupo tomando da palavra numa longa defesa.

Nos cantos em côro, à noite, *Demonín* também se destaca pelo entusiasmo com que canta e que transmite aos demais. Exige a repetição de certas canções e indica as que devem ser cantadas.

Demonín é o único a usar um chocalho de cascos de animais abaixo do joelho esquerdo marcando o ritmo ao bater com o pé no chão.

Vida sexual: Entre os Suyá que estiveram em Diauarum havia uma mocinha de uns quinze a dezesseis anos que era disputada pelos rapazes, de outras tribos, alí residentes. Um rapaz Kalapalo à chegada da moça sentou-se em sua rêde acariciando-a na presença de outros Suyá e de um Trumaí. A moça aceitou as carícias durante algum tempo, trazendo depois para sua rêde, uma irmã pequena, rejeitando assim, decididamente, mas com delicadeza, as demonstrações de afeto do Kalapalo.

O Kalapalo afirmou mais tarde ter tido relações sexuais com a moça suyá. Foram vistos desaparecer na mata juntos.

Quando a moça voltou para a aldeia o índio Kalapalo demonstrou grande tristeza; não podia segui-la, por estar empregado em Diauarum.

O Kalapalo disse que um dos Xukarramãi alí em visita, também "teria" recebido os favores da moça. Êste ao saber da afirmação zangou-se dizendo que desejava matar o Kalapalo pela mentira!

Uma vez, ainda em Diauarum, a moça suyá apareceu alta noite na barraca dos administradores pedindo socorro contra as pretensões de um outro Xukarramãi, que também residia temporàriamente naquele pôsto.

O índio trumaí *Sauku*, cujas informações são duvidosas por tratar-se de indivíduo marginal e reconhecidamente mentiroso, afirmou que a referida moça mantivera relações sexuais com muitos dos rapazes Kayabí em Diauarum e que as manchas escuras que marcam seu corpo são oriundas de doenças contraídas daqueles índios.

No acampamento suyá a moça, integrada à vida do grupo, trabalha intensamente. Assim, não puderam ser feitas outras observações.

No dia seguinte ao do casamento do viúvo *Róbndó*, um irmão menor da noiva de uns dez anos de idade, fêz referências jocosas ao que acontecera durante a noite contando ao pesquisador com palavras e gestos inequívocos.

Jogos e brinquedos: Não foram observados jogos no verdadeiro sentido da palavra nem brinquedos, com exceção do zunidor feito com um disco de cabaça e um cordel de fibra de inajá, idêntico ao das nossas crianças feito com botão e barbante e da "espingardinha de ar comprimido" que as crianças preparam com tubinho de uma secção de haste para flecha, com as extremidades reforçadas por fitas de casca de cipó.

Com cada extremidade do tubinho recortam um círculo em casca de mamão, melancia ou abóbora, fechando-as. A "espingardinha" está assim "carregada".

Uma varinha à guisa de pistão, com o diâmetro exato ao do orifício do tubo, é introduzida, empurrando uma das tampas de casca e comprimindo o ar contido no tubo que a certa altura projeta a outra tampa com um estalo (Prancha XIV).

As crianças brincam com algazarra na praia e dentro d'água. Os meninos agarram-se jogando uns aos outros n'água. Todos sabem nadar com exceção dos pequerruchos: êstes são levados por meninas um pouco maiores que fazem com que êles se divirtam no razo. Com gritinhos as meninas se comunicam com as mães ocupadas com os trabalhos caseiros.

Em certa ocasião os gritinhos provocaram correria das mães e de alguns homens; um dos bebês quase se afogara, sendo imediatamente socorrido.

Os meninos mergulham trazendo pedras que amontoam num razo do leito do rio tentando represar a água.

Outras vêzes pescam piranhas soltando-as em seguida na água muito raza. As piranhas mal podendo nadar procuram escapar para a parte funda do rio no que são perseguidas pelos meninos que as agarram pelo rabo jogando-as novamente no razo. Poucas vêzes as piranhas logram escapar e quando os meninos se cançam do jôgo, matam-nas e assam-nas no borralho.

As meninas freqüentemente se divertem pescando com as mãos minusculos peixinhos que vivem nas frestas dos rochedos submersos. Os meninos usam anzois e linha, obtidos do pesquisador.

Xerimbabos: Há poucos cães. São na maioria mansos, não atacando o visitante nem latindo inùtilmente.

Alguns papagaios e periquitos novos tirados do ninho, são alimentados por meninas que mastigando o milho passam diretamente da bôca para o bico das aves.

Outras tribos do alto Suyá-Missu: De acôrdo com as informações dos senhores CLÁUDIO e ORLANDO VILAS BOAS há uma tribo desconhecida nas cabeceiras do pequeno afluente do Suyá-Missu onde se encontra a antiga aldeia dos Suyá que também sabem de sua existência. Dizem que trocavam grito com aquêles índios que apareciam esporàdicamente nas matas.

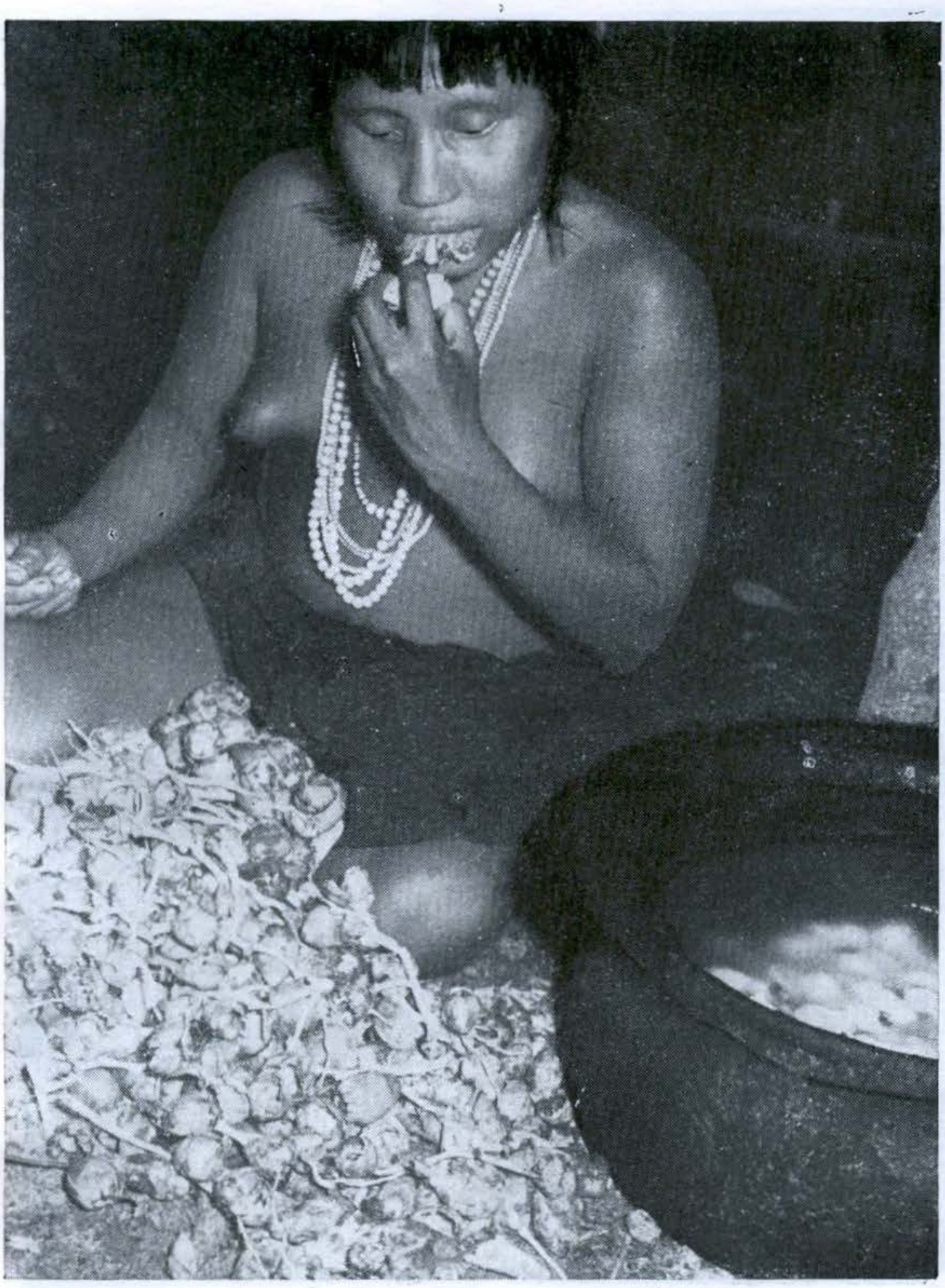
Elementos culturais encontrados entre os Suyá:

Aipim (*Manihot palmata Muell.* Arg.); mandioca (*Manihot utilissima* Pohl): beiju (bolas de mandioca crúa, ralada), farinha de mandioca; milho (*Zea mays*): milho torrado, sopa de milho triturado; batata doce (*Ipomea batatas* Lam.); fei-

jão; banana; melancia; abóbora; amendoim; pimenta; algodão; cogumelo silvestre; côco de palmeira Anajá, Inajá (regional) (*Maximiliana regia* Mart.): mingau de côco de Inajá; palmito de palmeira Inajá; côco de palmeira Macaúba (*Acrocomia sclerocarpa* Mart.); côco de Tucum (*Bactris* spec.): mingau de côco de Tucum; côco de Babaçu (*Orbignya martiana* B. R.); caju silvestre (*Anacardium* spec.); ingá (Leguminosa, Div. *Mimosáceas*); mangaba (*Hancornia speciosa* Gomes); oiti (*Moquilea tomentosa* Benth); pequi (*Caryocar brasiliensis* Camb.); cinza de plantas aquáticas consumida como sal; sal de plantas aquáticas; mel silvestre de diferentes espécies; pólen de abelhas silvestres; favos com larvas de abelhas silvestres; caça: carne moqueada no jirau, carne assada ao fogo, carne cozida; pesca: peixe cozido e desfeito em mingau, peixe assado embrulhado em fôlhas, peixe assado no borralho, peixe moqueado no jirau; tracajá moqueado nas brazas; ovos de tracajá moqueados; genipapo; urucu; timbó; arcos; flechas: com ponta larga de dois gumes de taquara, com ponta de ferrão de arraia, com ponta lisa de madeira dura e flexível, com farpa de ponta de osso de macaco, de crianças; bordunas; canoa: de tronco excavado, de casca de jatobá; remo; rêde: enodada de fibra de Inajá com transversais de fio de algodão, enodada, tôda de fios de algodão; implemento para fazer fogo; vasilhame de placa córnea de jabuti; bolsinha enodada; esteirinha de talos de fôlha de palmeira; banquinho de uma só peça, excavado em madeira de palmeira; bainha de fôlha de palmeira usada como vasilhame; conchas lacustres à guisa de colher; cabaças de lagenária; abanador de fogo trançado; apá semi-esférico; coador para o preparo do sal; cêsto cilíndrico; cêsto alto para carga; pedacinho de madeira petrificada (amolador); mão-de-pilão; pilão de tronco escavado; panela: de barro cozido, de alumínio; virador de beiju, de madeira; jirau; pente; fuso; instrumento cortante: de dente de capivara, de dente de cotia, mandíbula de piranha; instrumento para apertar fios de tecelagem de rêde de algodão; sarjador triangular; sovelas de osso; cipó-imbé; corda de amarrar rêdes de dormir; fitas de casca de cipó; entrecasca em tiras; embira; fio de algodão; resina vermelha (mistura de resinas e urucu); resina preta; cêra de abelhas silvestres em bolas; fôlha de bananeira como envólucro; fôlha de lixeira; penugem colorida de pássaros; batoques auriculares de palha; batoques labiais de madeira leve; chocalhos de dança de sementes silvestres; chocalho de dança de cascos de animais; diademas de penas; 'espingardinha de ar comprimido'; zunidor; fogueira; lenha; roçado; pau de cavar; xerimbabos; faca; facão; machado; tesoura; pregos de ferro; botões de madrepérola; camisas, calças; bonés; tecido usado à guisa de saia; linha de pesca de nylon; anzois de aço; carabina 22.

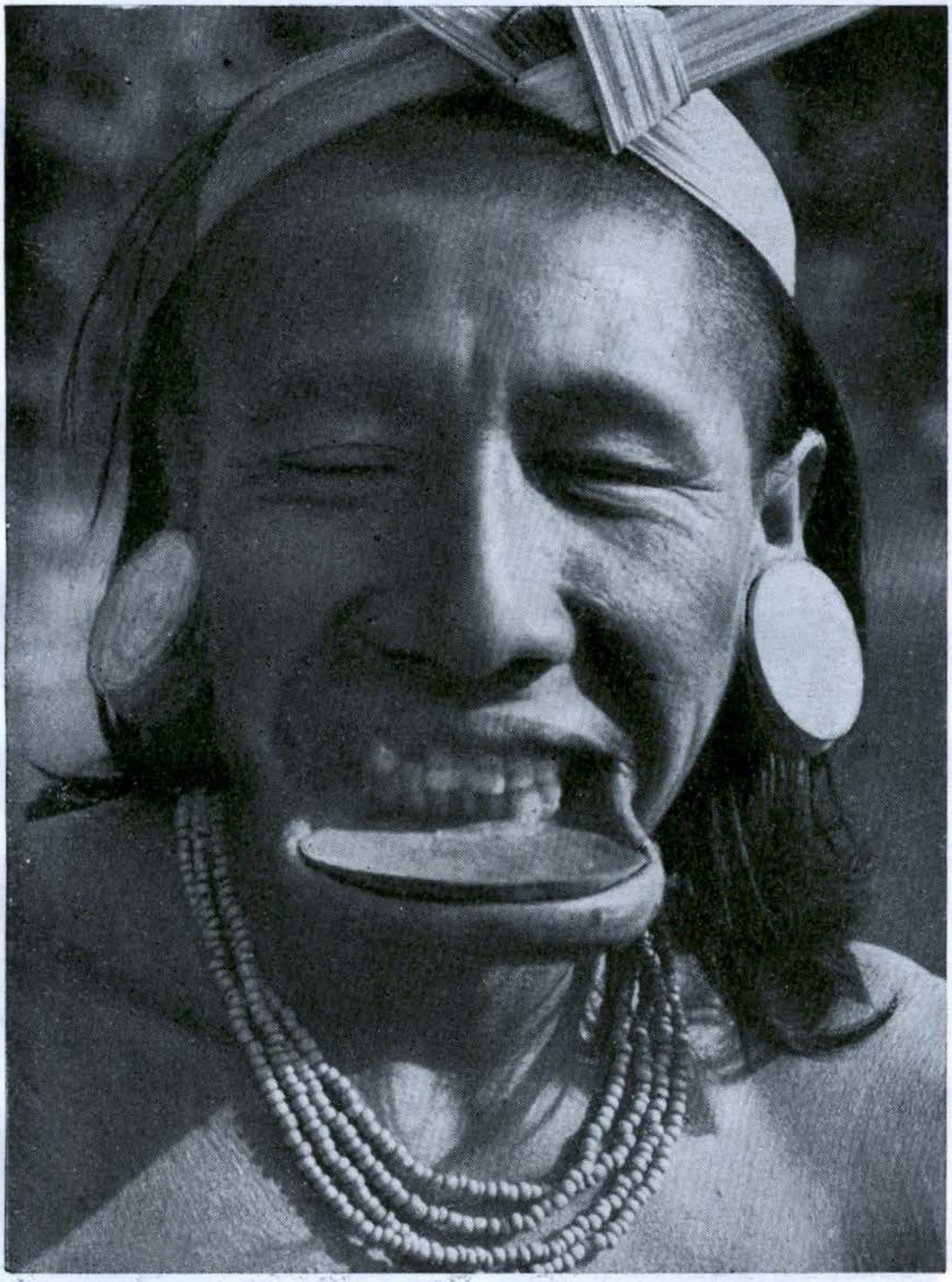
Uma das cabanas do açampamento provisório dos Suyá, em plena mata, no barranco de um afluente do rio Suyá-Missu.

Uma Suyá tecendo rêde de dormir. Os fios da urdidura horizontal, afixada ao redor de dois postes fincados no chão, são cordéis de fibra da fôlha da palmeira inajá (*Maximiliana regia* Mart.); os da trama, cordéis de fios de algodão.



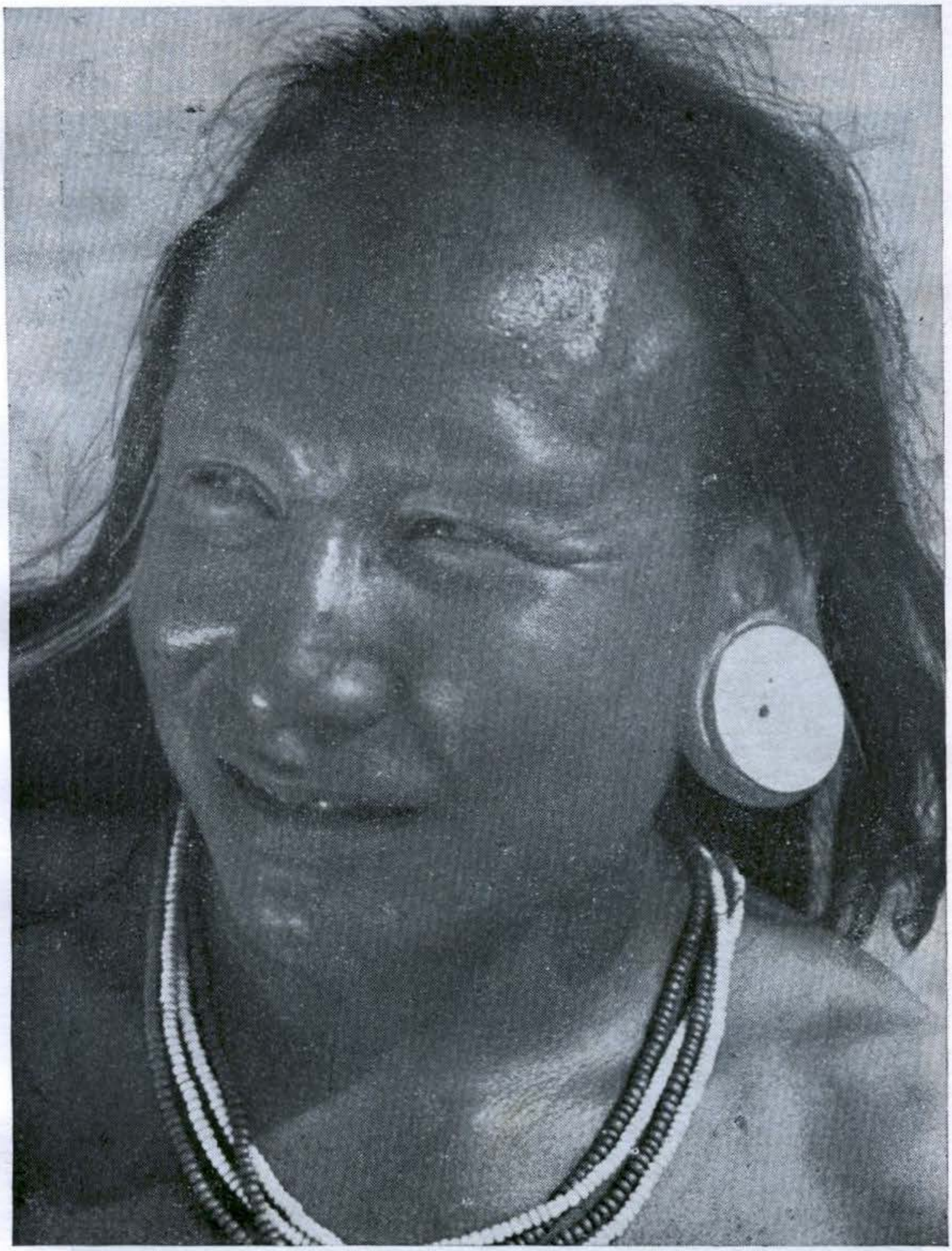
Gaimotí, uma das espôsas do chefe *Pentotí* quebrando côcos de palmeira inajá (*Maximiliana regia* Mart.) com os dentes. A polpa depois de pilada e peneirada é colocada na panela e cozida para o preparo da sopa *rigyára.*

Pentotí plantando mudas de mandioca no roçado novo. Em cada cova coloca três talos.



Róbndó que é viúvo, com batoques auriculares e o disco labial de madeira inserido no lábio inferior perfurado e distêndido. O enfeite da testa é uma tira de fôlha de palmeira.

Suretí, moça solteira com aproximadamente quinze anos de idade.



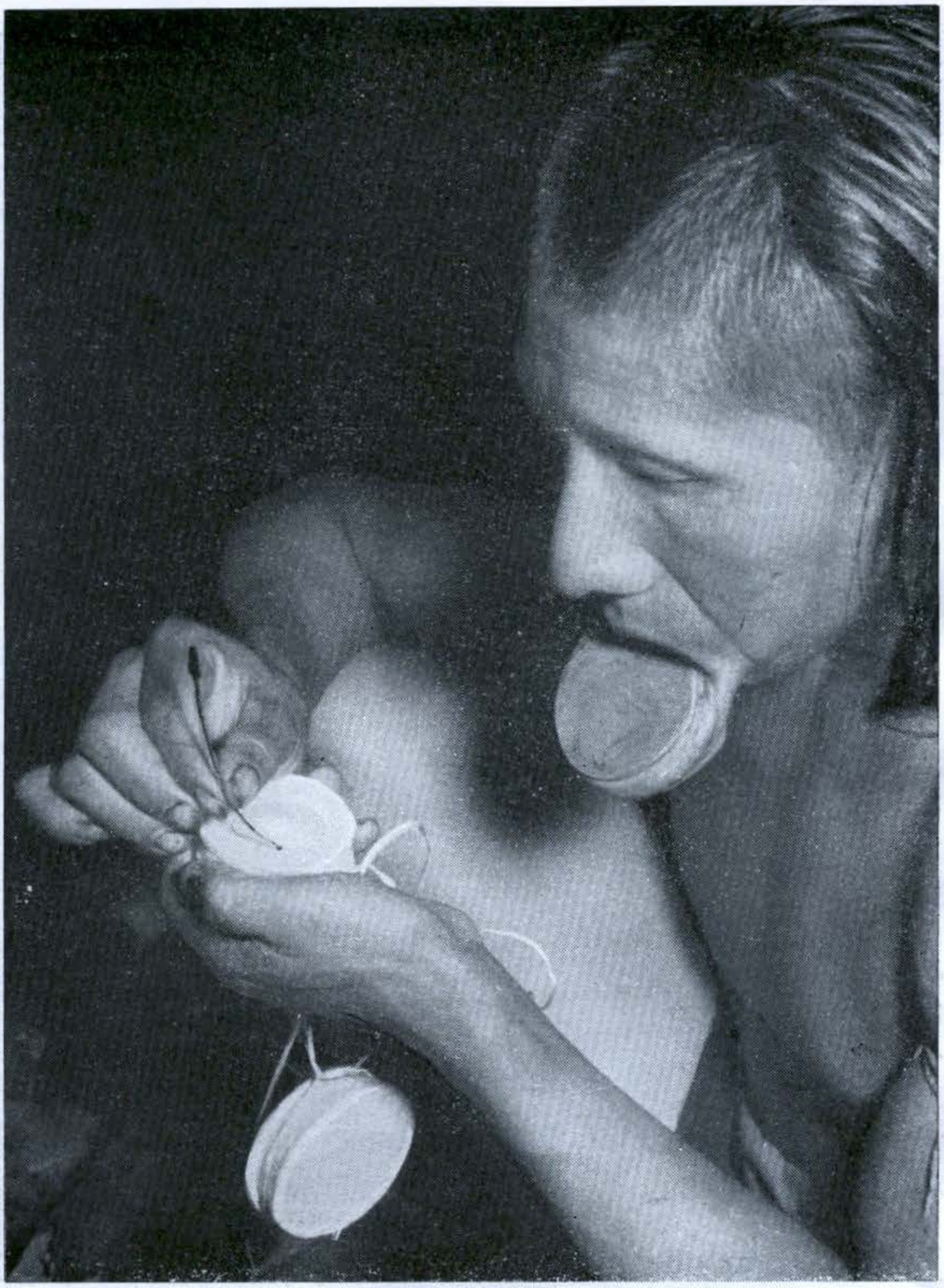
Rapaz solteiro com aproximadamente dezoito anos de idade. O cabelo é raspado até o alto da cabeça, e o restante comprido cai solto às costas. Nos lóbulos perfurados usa discos que consistem de palha de fôlha de palmeira enrolada em espiral com a face anterior coberta com uma camada de tabatinga branca. Os colares são de contas de vidro, obtidas do autor.

Um Suyá com disco labial, bebendo água em uma cabaça.

SUYÁ

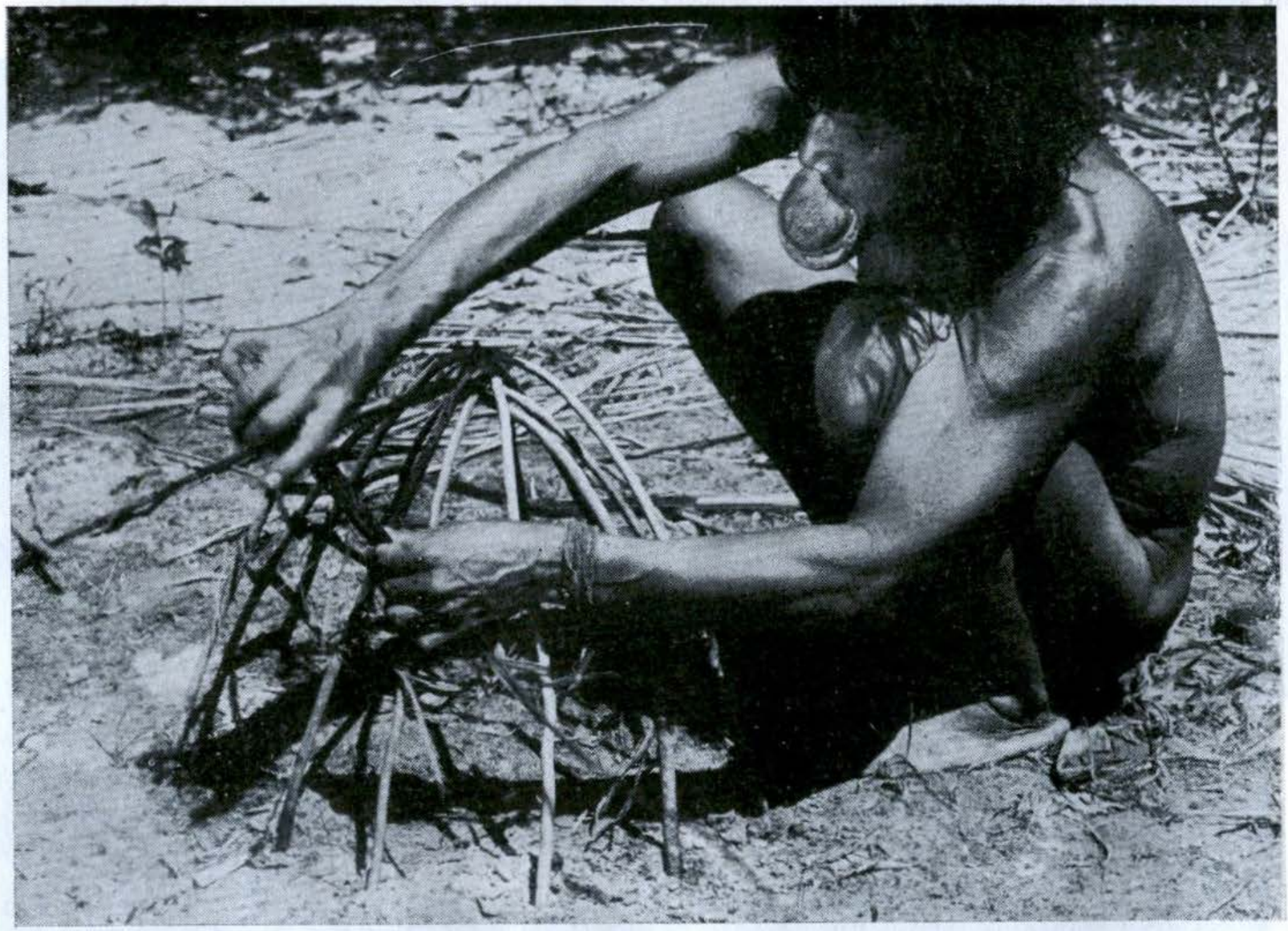
Confecção de um disco labial de madeira, pelo chefe *Pentotí*.

SUYÁ



Pentotí decorando a face inferior de um disco labial.

Mulheres suyá colhendo aguapés para o preparo do "sal". Em suas ubás os homens transportam as plantas colhidas até a praia, onde, são espalhadas e postas a secar ao sol.



Pentotí preparando a armação do filtro para extrair o sal solúvel das cinzas do aguapé.

Destilação da cinza obtida da calcinação de aguapés.

Um menino suyá atirando com uma "espingardinha de ar comprido".

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org